

Começa o festival de renúncia no DF

A menos de 30 dias das eleições, começam a chegar ao TRE renúncias de candidatos dos pequenos partidos no DF, ressentidos com os altos custos das campanhas, os critérios utilizados pelas agremiações e a falta de participação no horário gratuito do rádio e da televisão.

Depois da renúncia, na semana passada, de Olavo Coelho Pinho (Senado/PND), por seu partido não ter direito ao programa gratuito. Ontem, entraram, com pedido de renúncia os candidatos Almiro da Costa Batalha (Senado/PDT) e o brasiliense João Batista de Figueiredo Neto (Câmara/PND) por discordarem, também, da forma de condução das campanhas por partidos e candidatos.

Almiro da Costa Batalha renunciou por não concordar com «os critérios personalistas e antidemocráticos adotados na convenção do partido» que escolheu os candidatos à Constituinte. Já João Batista de Figueiredo Neto, único candidato brasiliense, encaminhou ao TRE uma carta-renúncia, onde critica desde a legislação do TRE para o horário gratuito, passando pela divulgação do que considera «falsas pesquisas», até os métodos de campanha utilizados pelos candidatos, que classifica de «política».

É o seguinte o texto da carta:

«Houve prévias favoráveis a mim, por isso estou à vontade para dizer que esse não é sistema ou esquema que mereça confiança.

Sou um discípulo que procura, quer e precisa aprender; recebi ajuda e agradeço, mas como as coisas estão, não posso acreditar no que tantos parecem aceitar.

Sigo sendo nacionalista e amo meu país, sabendo que ele precisa mudar muita coisa. Renuncio à minha candidatura, mas não à minha candidez. Renuncia quem não é escravo da fantasia, ambições e desejos. Outros renunciaram com dignidade. Getúlio Vargas renunciou à própria vida, em favor do trabalhador e do Brasil.

Nascido em Brasília, não concordo com esse tipo de coisa e não serei o primeiro candidato a entrar em **política**; isso mesmo, **política**.

Constituinte? Só depois de ampla consulta ao povo e não aos grupos de interesses, juristas e outros homens de gabinete. E o que diz logo de começo o nosso Programa Proposto.

Se eu prosseguisse, depois do que pude aprender e verificar, estaria concordando e aceitando esse tipo de coisa.

Múcio Athayde distribuía pão e leite, foi vetado; Márcia Kubitschek vivia no exterior, recebia em dólares, sem domicílio eleitoral no Brasil — e não é vetada. O que é isso — justiça? Uma grande família? Nesse caso nossa família parece um grande orfanato, com muitos filhos órfãos entregues à própria sorte.

Que providência tomou a Justiça Eleitoral quando reclamamos, porque não pudemos abordar o eleitor no Conjunto Nacional, mas candidatos ricos como Lindberg podem agir à vontade por lá? Para os amigos tudo, para os outros a justiça?

Não há justiça quando se permitem prévias pagas e favorecendo candidatos, de mistura com alguns fatos — isso é encurralamento e desonestidade.

Que medidas tomou a Justiça Eleitoral na fraude evidente em eleições no Rio de Janeiro? Por acaso puniu os responsáveis maiores, os que iam ser os beneficiários dessa fraude?

É a televisão que vai fazer a cabeça do eleitor? Dando mais tempo a uns partidos, menos a outros e nenhum a alguns? É moral essa distribuição de tempo, favorecendo os maiores e tornando ridículos os menores?

O candidato Pingo, sem dinheiro, partiu para a luta com seus próprios recursos — e foi expulso da rua, que é a praça do povo ele que estava dando um exemplo de democracia e liberdade da palavra.

E que direito é esse, o de votar, quando se torna obrigatório? Isso, quer dizer que todos temos o direito de ser obrigados a votar? Faz pensar no «cara, eu ganho — coroa; você perde».

Não espanta que o eleitor esteja indiferente e indeciso; e o eleitor corrupto quer vantagem em troca de seu voto.

Não sei quem vai ganhar as eleições, mas todos sabemos quem pode perder muito — o eleitor, Brasília e o país. A situação parece a mesma em todos os estados. Partido trabalhista tradicional, o PTB, vem com um patrão e empresário como candidato? Muito esquisito!

Espero que minha atitude não sirva de exemplo, por que se servisse, o esquema/sistema poderia ter um abalo — e o eleitor ia ver que nem todos estão procurando vida fácil às custas dele.

Não tenho outras declarações a fazer, não pretendo falar mais sobre o assunto. Espero que nosso Brasil encontre seu caminho, seu caminho próprio e não mais imitação de outros».